

PROSTITUIÇÃO, IDEÁRIO SOCIAL E IDENTIDADE(S): A OPRESSÃO FEMININA EM *O VOO DA GUARÁ VERMELHA* (2005), DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Ana Maria Soares Zukoski¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise interpretativa do romance *O voo da guará vermelha* publicado em 2005, pela escritora brasileira Maria Valéria Rezende, focalizando a questão de como o estigma de prostituta é utilizado pelo ideário social, a fim de aniquilar a subjetividade das mulheres prostituídas. Para isso, percorreremos a trajetória da protagonista Irene, uma prostituta soropositiva, procurando demonstrar como a prostituição e os valores socialmente difundidos, acabam por subjugar as identidades que melhor representam a personagem. O artigo será alicerçado nos pressupostos teóricos da Crítica Feminista, dos Estudos Culturais e Estudos sobre Gênero, com autores/as como Hall (2015); Biroli (2018); Miguel (2014); Bauman (2005a; 2005b); Roberts (1998), entre outros/as.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina; Prostituição; Identidades; Ideário social.

ABSTRACT: This article aims to present an interpretative analysis of the novel *O voo da guará vermelha*, published in 2005 by the Brazilian writer Maria Valéria Rezende, focusing on the question of how the stigma of prostitutes is used by social ideas in order to annihilate the subjectivity of prostituted women. For this, we will go through the trajectory of the protagonist Irene, a seropositive prostitute, trying to demonstrate how prostitution and socially disseminated values end up subduing the identities that best represent the character. The article will be based on the theoretical assumptions of Feminist Criticism, Cultural Studies and Gender Studies, with authors as Hall (2015); Biroli (2018); Miguel (2014); Bauman (2005a; 2005b); Roberts (1998), among others.

KEYWORDS: Literature of female authorship; Prostitution; Identities; Social ideal.

Considerações iniciais

A questão das identidades tem ganhado destaque na seara literária contemporânea, sobretudo no que tange à produção literária de autoria feminina. Por estar intrinsecamente relacionada à constituição do sujeito, a identidade está presente nas obras de autoria feminina, principalmente, naquelas em que as protagonistas buscam pelo autorreconhecimento, como é o caso de Irene em *O voo da guará vermelha*.

Por pertencer a um segmento marginalizado socialmente, isto é, a classe das prostitutas, a identidade da protagonista inicialmente é reduzida a isso. Hall, na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015, p. 11-12), lança luz sobre as consequências da influência social, pois a noção de identidade pós-moderna é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos

¹ Doutoranda e Mestra em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Aluna do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Paraná – Unespar. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campus de Campo Mourão. E-mail: aninha_zukoski@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6633946411492536>

rodeiam”. A representação social também é um agente de modificação da identidade, isto é, o modo como a sociedade percebe o sujeito corrobora a construção das suas identidades, tanto que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2015, p. 12). Assumir ora uma identidade, ora outra, de acordo com o momento, evidencia essa relação com a sociedade, que nos sujeita a papéis diferenciados segundo o ambiente ou as pessoas com quem estamos interagindo. Daí o congelamento da identidade da personagem em sua associação com a prostituição, uma vez que a visão da sociedade molda não apenas as identidades, mas também a percepção que se tem delas.

Afastando-se do que declara o senso comum calcado no preconceito, a prostituição está distante da “pessoa que troca serviços sexuais por remuneração, [...] é, antes de tudo, uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro” (LEGARDINIER, 2009, p. 198). A prostituição engloba questões mais complexas, que ultrapassam a fronteira da comercialização do corpo, compreendendo a exploração sexual. As prostitutas na realidade são vítimas dessas teias de poder, ainda que seja somente sobre elas que recaiam os julgamentos vilipendiosos.

Essas representações, fundadas e direcionadas a partir da perspectiva social, carregam em si os preconceitos e discriminações cultuadas pela sociedade. Entre os diversos segmentos marginalizados, nosso interesse recai sobre a classe das prostitutas, extremamente mal interpretada e objeto de preconceito de praticamente todas as demais classes. O acentuamento disso é devido à onda de conservadorismo que vem surgindo nos mais diversos pontos do globo. Segundo Biroli, em *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil* (2018, p. 15-16, *itálicos da autora*), “o que temos diante de nós neste início de século XXI, de modo peculiar no Brasil [...] são *reações* que procuram [...] retomar e aprofundar o controle e a regulação sobre as mulheres, sobre seu corpo, e limitar subjetividades em transformação”. Essas reações conservadoras tencionam retroceder os avanços conquistados pelas mulheres, buscando por meio do controle do corpo e da subjetividade, impingir-lhes o *status* de objeto.

Entretanto, esse processo de objetificação² não se restringe ao âmbito corporal, pois é ampliado para a subjetividade e para as identidades. No romance *O voo da guará vermelha*, a protagonista não é a única prostituta presente na narrativa. Amiga de Irene, Anginha,

² Bonnici (2007, p. 192, *negrito do autor*), compreende esse conceito como “a maneira pela qual indivíduos ou grupos de indivíduos tratam os outros como objetos. É a prática própria da ideologia patriarcal e da ideologia colonial de tratar o **outro** (diferente na cor da pele, na raça, na etnia, na religião, no gênero) como inferior”.

compartilha do mesmo sofrimento dessa profissão, com um fardo a mais: o relacionamento abusivo. Esse relacionamento é marcado pelas redes de poder que a dominação masculina atribuiu ao homem, pois Porfírio não dispensa nenhuma consideração pela prostituta, por justamente ela ser uma mulher que ganha a vida por meio do sexo. Marcada pela ausência, principalmente de afeto e atenção, Anginha está enredada nesse relacionamento sem perceber que está sendo submetida à dominação do homem que a enxerga exclusivamente como produto: “Anginha que irrompe quarto adentro, chorando, descabelada, o vestido alaranjado todo pingado de lágrimas, imagem do desespero. ‘Aquele cachorro velho do Porfírio me traiu [...] por isso que não me quer mais, diz que estou velha e acabada’” (REZENDE, 2014, p. 93). O desespero de Anginha ilustra a dependência que a dominação masculina estabelece entre as prostitutas e os homens. A atitude de Porfírio e as suas justificativas demonstram que, nessa relação de dominação, ele não apenas ocupa, mas sente-se no direito de ocupar a posição de superioridade, encarando o relacionamento com a prostituta como um passatempo, descartável assim que lhe deixasse de ser conveniente. Não há nenhum tipo de laço afetivo ou companheirismo por parte dele, o que denota que a sua postura é conivente com o ideário preconceituoso contra essas mulheres. Esse tipo de tratamento que é dispensado às prostitutas em geral influencia negativamente o modo como suas identidades são construídas, centralizando os caracteres depreciativos e impossibilitando a desassociação da profissão com o sujeito.

Esse relacionamento entre Anginha e Porfírio remonta as relações entre as mulheres prostituídas e os homens que as exploram, conhecidos como cafetões. Roberts (1998, p. 350) aponta que “se o comércio do sexo não fosse ilegal ou quase ilegal em toda parte, as prostitutas poderiam se organizar contra sua exploração, tanto pelos cafetões baratos quanto pelos grandes chefes”. A figura do cafetão representa não apenas a dominação, como também a violência que circunscreve e tangencia a vida dessas mulheres. Além da exploração financeira que acontece por meio da exploração corporal, os diferentes tipos de violência gerados no mundo da prostituição possuem seu núcleo nessa imagem do homem que tem controle sobre a vida e as ações das prostitutas, agindo como se fossem os seus donos.

Biroli reconhece que “as trajetórias das pessoas são impactadas pelo modo como esses corpos são visados por práticas normalizadoras e pela inscrição de violências fundadas não apenas no ódio, mas também em diferentes sistemas de crenças e perspectivas morais” (2018, p. 134). As prostitutas, objetificadas pelos cafetões e por seus clientes, e em geral pela

sociedade, enxergam seu próprio corpo como um produto a ser vendido, mera mercadoria. Esse *status* de produto confere a essas mulheres uma autoimagem negativa, iniciando por aí a prostituição como um fator de opressão e marginalização que atinge também a subjetividade dessas mulheres. Considerando essas influências negativas, que circunscreve as identidades das prostitutas, procuraremos discutir a trajetória de Irene, a fim de iluminar essas problemáticas.

“Eu não sou nada, mais nada, um caco de mulher triste [...] não tenho nada para lhe dar, amor de puta acabada não vale nem um minuto da vida de um homem”³

Bauman, em *Vidas desperdiçadas* (2005b), discorre sobre os sujeitos que estão à margem da sociedade, evidenciando como as relações do capitalismo e da globalização favoreceram para que o número de pessoas marginalizadas aumentasse: “removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles” (BAUMAN, 2005b, p. 38). O comportamento da sociedade diante daqueles que estão em situações abstrusas exalta a diferença para que essa sirva como justificativa a fim de perpetuar a exclusão. Ignorar a presença dessas pessoas, transformando-as em invisíveis é bastante eficaz, pois cada vez menos, medidas são tomadas para reestabelecer a vida desses marginalizados, como é o caso da prostituição.

Esse descaso da sociedade é expresso no romance por meio dos órgãos governamentais: “e ouvir a assistente social lhe dizer que mude de vida. Irene ri, amargo e torto [...] Engraçada aquela assistente social, ‘deixe essa vida’, está certo, eu deixo essa vida, não me importo de tudo se acabar [...] mas a senhora vai tomar conta do menino e da velha?” (REZENDE, 2014, p. 11). A assistente social metaforiza os órgãos governamentais e, conseqüentemente, a preocupação do Estado e da sociedade em geral para com as pessoas em situação de marginalização. A visão da assistente é carregada de preconceito e falta de empatia, recomendando que Irene simplesmente ‘deixasse essa vida’. Tal sugestão denota o preconceito e salienta a ótica de que a prostituição corresponde a uma escolha. Roberts adverte que “condenar as mulheres por se tornarem prostitutas, ou continuamente desviarem a atenção de suas demandas para a pequena minoria que enfrenta essa vida, é ignorar a coragem das prostitutas e aumentar a sua carga” (ROBERTS, 1998, p. 389). Além de condenar, a assistente não direciona nenhum tipo de apoio financeiro ou psicológico a Irene, aumentando o fardo que

³ Excerto da obra.

ela precisa carregar e reforçando os aspectos negativos que estão a moldar sua representação e por extensão a ceifar a(s) sua(s) identidade(s) em prol de uma única.

Apesar dos poucos estudos realizados ao longo da vida, a prostituta dispõe de experiência de vida, que lhe permite perceber a visão egoísta do Estado. Seus questionamentos sobre a vida do menino e da velha, ambos sustentados pela prostituição, demonstram a complexidade da situação e, ao mesmo tempo, refletem a falta de opções da personagem, que não pode dar-se ao luxo de sair da prostituição e morrer de fome junto com as duas outras pessoas que dependem dela para sobreviver. Assim, o romance estabelece uma pungente crítica social, apresentando o outro lado (geralmente não conhecido) da história das prostitutas, aquele que ninguém quer ver por ser mais cômodo ignorar e permitir que a situação permaneça inalterada.

A exploração dessas mulheres é financiada, ainda que indiretamente, pelo Estado que é conivente com a rede de poder que está encoberta atrás do tabu da prostituição. Por ser considerada, ainda no século XXI, como um tabu, esse fator direciona a visão dessas complexas relações para o campo moral e religioso, desviando o verdadeiro foco, a exploração do corpo das mulheres, e legitimando-a como uma violência estrutural. Assim, para Biroli, “não é apenas a ação discriminatória, mas também a inação do Estado que dá livre curso às formas múltiplas de violência estrutural” (BIROLI, 2018, p. 138). O distanciamento impingido a essas pessoas, sem promover nenhum tipo de política pública, a fim de afastá-las para a margem, possibilita percebermos que o mesmo, constitucionalmente laico, é direcionado a partir dos interesses das redes de poder, por sua vez, amparadas pelos bons costumes e condutas morais, essencialmente patriarcais. Portanto, as identidades, quando manipuladas a partir desses pressupostos funcionam como mais um mecanismo de controle.

Assim, desconsiderar as redes de poder que permeiam as relações sociais implica ignorar que esses aspectos possuem influências diretas nas identidades dos sujeitos. A sociedade enfatiza a delimitação das categorias sociais, sendo ímprobo para os sujeitos participar de outras classes sociais, ainda que esses tenham ascendido financeiramente, intelectualmente etc. O estigma de ter pertencido a uma classe baixa ou a uma categoria marginalizada, como as prostitutas, os moradores de rua, entre outros, acompanhará o sujeito. É todo um conjunto de fatores, desde a miséria e a falta de oportunidades até a impossibilidade de libertação do cerco da prostituição, sobretudo do estigma de prostituta que influencia de modo significativo na representação distorcida que Irene faz de si mesma, pois essas influências

sociais acabam privando-a de encontrar-se na(s) identidade(s) que verdadeiramente a representam.

Essas mulheres são marcadas pela falta, de acordo com MacKinnon *apud* Miguel (2014, p. 142-143), que salienta que a “coerção estrutural [é] imposta pela ausência de alternativas e pela necessidade econômica: ‘observa-se que as mulheres na prostituição são prostituídas por meio de escolhas impedidas, opções restringidas, possibilidades negadas’”. A falta de possibilidade e oportunidades faz com que essas mulheres não tenham nenhuma outra escolha senão entrarem para a prostituição, como é o caso da protagonista do romance *O voo da guará vermelha*: “desde aquele dia em que passou o batente da casa de Dona Eusébia, deixando para fora dele tudo de bonito e bom que já tinha conhecido, sua vida de menina, guardada em lugar secreto para que ela ficasse pura, limpa, clara e sem mistura” (REZENDE, 2014, p. 115). A própria visão da personagem acerca da prostituição é incutida de representações depreciativas, prevendo que a partir dali sua vida não seria mais marcada por momentos bons e bonitos. A ideia de conservar a memória guardada numa tentativa de se manter limpa denota a impureza que está associada à figura da prostituta e o desejo de manter sua(s) identidade(s) a salvo das manipulações sociais.

Devido à sua entrada para a prostituição não acontecer de maneira espontânea, Irene procura suprimir as recordações pós-prostituição: “quartos todos iguais de um puteiro para o outro, onde ninguém lhe falava senão palavras de alcova [...] deixara quase vazia sua caixa de lembranças, só recordações antigas, de seus anos de criança, pouca coisa, um punhadinho” (REZENDE, 2014, p. 83). A tentativa de apagar as memórias significa uma recusa em aceitar a sua condição e a identidade pejorativa que vem junto a ela, demonstrando não desejar carregar consigo, ou pelo menos dentro de si, as características depreciativas de sua profissão. Mesmo priorizando as memórias pré-prostituição, as consequências dessa dura profissão se fazem presentes, pois, mesmo não querendo, Irene recorda-se do modo como era tratada nos “quartos de puteiro”. O tratamento ultrajante destinado a ela reforça o desejo de manter-se afastada disso, no único lugar em que lhe é possível, na sua interioridade, o que sugere o conflito identitário que a personagem vivencia por não conseguir escapar das malhas sociais que moldam a(s) sua(s) identidade(s) como apenas prostituta, ao mesmo tempo em que luta para não se reduzir a isso.

A personagem ainda recorre à metáfora dos parênteses, como uma espécie de esperança que não permita que a(s) sua(s) identidade(s) sejam suplantadas pela alienação social: “para

que um dia pudesse abandonar essa sorte de viver entre parênteses, mal vendida e malfalada, desamada e escondida longe das vistas do mundo, bastasse fechar parênteses e retomar o atalho para a vida verdadeira” (REZENDE, 2014, p. 115). A prostituição, portanto, é para a protagonista como um parêntese, algo que é obrigada a vivenciar, por causa da falta de opções, mas que deseja profundamente ser temporário, marcando que a marginalização à qual as prostitutas estão enredadas, não pode ser encarada como uma vida de verdade, daí o desejo por manter viva sua essência. Além disso, Irene evidencia as características que marcam a vida das prostitutas, como a mal remuneração, o estigma pejorativo, a falta de amor e a invisibilidade.

A prostituição, sendo o trabalho remunerado de Irene, acaba por deixá-la cada vez mais dependente, considerando que a protagonista precisa sustentar seu filho e a mulher que o cuida: “ela até teve fregueses, pode ir na segunda-feira levar leite para o menino [...] deveria estar contente mas sente a alma vazia, tem vontade de partir para o outro mundo [...] mas o menino e a velha, quem vai cuidar?, Irene não pode ir embora, não é livre para morrer” (REZENDE, 2014, p. 35). O lamento da personagem, em não ser ‘livre para morrer’, suscita reflexões acerca das outras condições que também assolam as mulheres prostituídas, isto é, as questões que precisam resolver e que não são inerentes à sua profissão. Ao expor a necessidade de prover o sustento de mais duas outras pessoas, Irene capta a atenção do leitor para esse lado que muitas vezes passa despercebido. Essa é mais uma condição que corrobora a dificuldade de superação dessas mulheres, presas à prostituição por conta da dependência financeira e pelo controle social, exercido por meio da representação pejorativa que molda a(s) sua(s) identidade(s).

As noções acerca da identidade foram transformadas ao longo do tempo e tais mudanças foram abordadas por Hall (2015), que destaca três concepções: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Nosso interesse recai sobre a terceira concepção, pois esta ressalta a influência social, assim como a fragmentação das identidades contemporâneas, presentes no romance *corpus* desse artigo. O sujeito pós-moderno é concebido como sendo aquele “previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2015, p. 11). Rompe-se com a ideia de unidade do indivíduo. A fragmentação pode ser compreendida como a metáfora de um mosaico, que é formado a partir de inúmeros fragmentos. Assim também é a identidade do sujeito pós-moderno, estabelecido sobre esses fragmentos, nem sempre coincidentes entre si, pois as formações sociais, ideológicas e culturais que o atravessam não provêm de uma mesma ótica.

Hall aponta cinco principais avanços nas ciências humanas e teorias sociais que promoveram o descentramento do sujeito moderno. Entre eles, destacamos o quinto deslocamento, relacionado com “o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social” (HALL, 2015, p. 27). Participando dos movimentos sociais durante a década de 1960, o conjunto desses grupos minoritários afirmavam as dimensões subjetivas e objetivas da política, além de apontar para a(s) identidade(s) social(is) dos seus apoiadores, isto é, o feminismo indicava as identidades das mulheres, as lutas raciais para as identidades dos negros, e assim sucessivamente. O feminismo, nosso foco por causa do recorte proposto, de acordo com Hall (2015), questionou noções como fora e dentro, binarismo aplicado a homens e mulheres, respectivamente, além de abrir caminho para a contestação política acerca de instâncias como família, sexualidade, divisão do trabalho doméstico, entre outras. A descentração promovida pelo impacto do feminismo alcançou ainda a politização da subjetividade, da identidade e do processo de identificação e questionou a diferença sexual. Grandes foram os avanços promovidos e as consequências positivas no descentramento dos sujeitos relacionam-se, principalmente, com a(s) identidade(s) feminina(s).

No caso de Irene, além da forte influência social que é direcionada pela sua profissão, temos que considerar o embate identitário presente na interioridade da protagonista. Tal conflito vem ao encontro da chamada “crise de identidade”. Para Hall (2015), essas diferentes concepções foram sendo engendradas ao longo dos séculos, acompanhando as transformações pelas quais a sociedade passou. A partir da segunda metade do século XX, alterações contundentes estão sendo realizadas, modificando as paisagens culturais de gênero, classe, sexualidade, raça, nacionalidade, etnia, entre outras, abalizadas até então como sólidas. Essas modificações contribuíram para o estremecimento das rígidas e unânimas identidades, esfacelando a certeza de integridade do sujeito: “Essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada [...] descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – [...] tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’” (HALL, 2015, p. 10). Essa crise encaminha os sujeitos para questionamentos acerca da composição de sua identidade, ressignificada agora, para o plural. Um único sujeito passa a defrontar e descobrir-se em suas identidades, marcadamente influenciadas pelo contexto social. Apesar de todos os indicativos sociais impelirem a personagem para a construção de identidade(s) pejorativa(s), o embate elucida a existência de outras identidade(s) encoberta(s), porém não totalmente aniquiladas.

Ainda no que tange às identidades, Bauman, em outra obra, *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* (2005a), ressalta que elas “flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005a, p. 19). As identidades que são “infladas e lançadas” podem ser tomadas como aquelas construídas a partir da ótica da sociedade, que toma por base, o setor ao qual o sujeito faz parte. Assim, quanto mais marginalizada a pessoa, mais desacertada será a representação social estabelecida.

É o caso de Irene, pois o empedernir dos anos contamina aquilo que ela mais protege em seu âmago, isto é, sua(s) outra(s) identidade(s), e a sua representação passa a ser direcionada exclusivamente por sua profissão, ou seja, a prostituição, e pelo ideário social: “ela percebe, pensando que conhece aquele jeito de homem querendo cama e as coisas que se faz nela [...] ela não entendeu, [...] como é que essa pobre, de quem só se compra o corpo pode pensar que ele quer que ela agora leia um livro? [...] A mulher olha espantada” (REZENDE, 2014, p. 25). O ato de prostituir-se continua sendo encarada por Irene como um trabalho, pois acerca da relação sexual, ela referencia como “as coisas que se faz nela”, em outras palavras, ela não participa ativamente do ato sexual, mas permite que o façam nela em troca do dinheiro. Porém, a protagonista não consegue mais desassociar sua profissão da mulher que ela é, em sua visão, a única coisa que pode oferecer a alguém é o seu próprio corpo. A sua trajetória na prostituição acaba por sufocar a(s) outra(s) identidade(s) lhe extirpando os demais aspectos que estão relacionados às outras identidades que melhor representam Irene. Assim, a personagem restringe suas capacidades apenas ao aspecto corporal/físico. Daí o assombro e desconcerto quando Rosálio solicita-lhe algo além do físico, pois ela acredita não ser capaz de lhe oferecer.

O fato de Rosálio não solicitar favores sexuais a Irene, expõe que o relacionamento deles não é pautado na ideia de dominação masculina, como o de Anginha e Porfírio. O pedreiro começa a trazer para a vida da prostituta novas perspectivas, como a leitura e o contato com as palavras, distanciando-se da figura de cafetão ou dos homens ativos no mundo da prostituição que visam apenas o controle e a exploração das mulheres. Assim, o companheirismo que marca a relação é fundamental para o desenvolvimento das identidades de ambos os personagens.

A respeito desse condicionamento, Linhart esclarece que essas pessoas “não apenas perdem [...] seus pontos de orientação, a confiança de terem o controle de suas vidas; também se vêem despidos da sua dignidade como trabalhadores, da auto-estima, do sentimento de serem úteis e terem um lugar social próprio” (LINHART *apud* BAUMAN, 2005b, p. 22). Irene está

em uma situação análoga, pois seu trabalho não é digno perante a sociedade e isso se estende a ela também. As malhas que enredam essas pessoas e as lançam à marginalidade são as mesmas que corroboram a manutenção dessa situação, utilizando-se da identidade e de suas representações para sustentar a construção social do modo estabelecido.

As pessoas pertencentes às categorias que estão (permanecerão?) à margem das classes priorizadas pela sociedade, são tidas como “refugio” que, de acordo com Bauman (2005b, p. 38-42), “é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção. De preferência permaneceria como segredo [...] o refugio são seres humanos. Alguns não se ajustam à forma projetada nem podem ser ajustados a ela, ou sua pureza é adulterada e sua transparência, turva”. Há um esforço por manter as relações como estão: alguns tidos como inferiores para que os outros acreditem ser demasiadamente superiores.

A representação socialmente construída e assimilada por Irene a refreia constantemente, pois a personagem é estarecida pela culpa ao começar o relacionamento com o pedreiro, por acreditar não ser merecedora de um relacionamento estável e feliz, assim como pela baixa autoestima, diretamente associada ao estigma de prostituta que é obrigada a carregar junto a sua imagem: “Irene sente-se ingrata, prendendo Rosálio a ela [...] se ele ainda aparecer, vai lhe dizer que a esqueça [...] que eu não presto pra você, que eu não sou nada, mais nada, um caco de mulher triste, [...] não tenho nada para lhe dar, amor de puta acabada” (REZENDE, 2014, p. 60). Ao representar-se com expressões pejorativas como “não presto pra você”, “não sou nada” e “puta acabada”, vislumbramos uma vez mais que a sua autorrepresentação é permeada pela visão preconceituosa da sociedade. Segundo Roberts (1998, p. 395), “as prostitutas também têm de lidar com um constante assalto sobre sua auto-estima sob a forma da imagem que a sociedade tem delas como mulheres párias, subumanas e anormais”. A protagonista não conseguiu libertar-se do julgamento social, e isso é refletido não apenas na sua própria representação, mas também nos seus comportamentos, sendo ela mesma a juíza que condena sua felicidade, pois devido ao fato de ser prostituta, acredita não poder desfrutar de tal.

Ao desmerecer as relações de poder escusas sob o estigma da prostituta, acabamos por perpetuar a condenação moral das mulheres, utilizando dessa representação para regular as relações sociais de sexo, pois “todo comportamento transgressivo por parte das mulheres num dado contexto pode provocar sua estigmatização como ‘prostituída’ ou ‘puta’ e levar a punições que daí decorrem” (PHETERSON, 2009, p. 204). O estigma de prostituta leva a uma representação com teor de inferioridade. O caráter pejorativo atribuído a essas mulheres provém

de uma suposta liberdade sexual que elas exercem, isto é, o controle do corpo da prostituta não é sucedido da mesma forma que os corpos das outras mulheres. De acordo com Roberts (1998, p.17), “o estigma da prostituta era na verdade uma forma de opressão”. A desonra não apenas era como ainda é um meio de opressão às prostitutas, já inseridas nessa vida marginal, e também às mulheres que poderiam vir a receber esse estigma. Esse tipo de condenação moral acaba por lacerar as identidades dessas mulheres.

Esse preconceito contra as mulheres prostituídas também se manifesta nas artes. Como exemplo na literatura, podemos tomar as obras clássicas *A dama das camélias* (1848), de Alexandre Dumas, e *Lucíola* (1862), de José de Alencar, que apresentam como protagonistas prostitutas. Baseada na obra de Dumas, há também a ópera *La Traviatta* (1853), que também é protagonizada por uma prostituta. No entanto, o caráter moralista contra essas figuras manifesta-se no desfecho de cada uma, que encontra de alguma forma, a morte no final. A morte pode ser interpretada como um castigo infligido a essas mulheres, independente da bondade de seus corações ou da idoneidade de suas personalidades, isto é, na literatura canônica a morte era exemplar, a fim de mostrar como as regras da sociedade fazem as prostitutas definharem, ou ainda “pagar pelos seus pecados”.

Ademais, a figura da prostituta é alvo dos mais diferenciados tipos de violência: da física à psicológica ou simbólica, incluindo aí a questão da dominação masculina, mais vigorosa contra essas mulheres, pois o ideário social certifica que o dinheiro compra não apenas o corpo, mas a submissão e o controle das mesmas. Além da violência simbólica praticada por meio da dominação masculina, as prostitutas precisam enfrentar de seus clientes o problema da violência física: “ergue as mãos diante da cara para defender-se das pancadas que virão na certa, nem se importa com a dor, ele que lhe bata, que a mate, ela grita, grita, safado, ladrão, filho da puta, quero meu dinheiro [...] espera o primeiro golpe” (REZENDE, 2014, p. 15). A atitude de Irene, confrontando o cliente e exigindo o pagamento pelo programa, destoa da postura esperada de uma prostituta. O fato de colocar-se em uma postura ativa remonta às outras identidades da protagonista, como um fraco despontar que retorna para a forma latente quando Irene prepara-se para as “pancadas que virão na certa”. O conhecimento sobre a reação de seus clientes, diante de uma conduta ativa, demonstra que Irene já sofreu violência física, conhecendo a dor dos golpes desferidos por eles e sabendo que isso não é admitido naquele universo opressor, tanto que espera pelo “primeiro golpe”. O numeral “primeiro” indica uma sequência, salientando que a agressão física em geral não é resumida a um único golpe. Essa postura ativa denota que existe

uma luta interior a respeito das identidades da protagonista e ainda que a identidade de prostituta prevaleça na maior parte do tempo, é significativo a fermentação das demais.

O nível da agressão física pode atingir estados alarmantes, como é o exemplo de Irene: “o véu de sangue injetado lhe torna vermelha a vista do único olho aberto. O outro é uma mancha roxa. O roxo por toda parte, no peito, nas costas, coxas, que Irene sente queimando, nem carece examinar, ela sabe muito bem, não é a primeira vez” (REZENDE, 2014, p. 155). As marcas presentes nos mais variados lugares do corpo de Irene tipifica a alta agressividade com a qual foi atacada por um cliente. Lesões, como a do olho, por exemplo, transformado em uma “mancha roxa” demonstra a fúria da investida, motivada, provavelmente, pelo ódio a essas mulheres. O senso comum, com sua desinformação, é tido como mais um instrumento de manutenção da opressão, do preconceito e das violências praticadas contra elas, uma vez que “A simples afirmação de que a prostituição é uma opção entre outras mulheres que necessitam de renda implica não levar em conta os fenômenos da exploração sexual, da objetificação da mulher e de sua posição inferior no mercado de trabalho” (MIGUEL, 2014, p. 141). A prostituição dispõe de um caráter múltiplo e facetado, e somam-se a ele, as dificuldades encontradas pelas mulheres que, apesar de serem vítimas, são tratadas como criminosas sendo a elas atribuída toda a culpa. Por serem julgadas como merecedoras de tais atrocidades, a violência contra as prostitutas é dificilmente punida, como se pelo fato da mulher que foi atacada ser uma prostituta, justificasse o comportamento agressivo do homem.

De acordo com Young (*apud* BIROLI, 2014, p. 113), “a violência contra a mulher pode ser entendida como uma prática social, e não individual, ‘sistêmica porque dirigida a membros de um grupo simplesmente porque eles são membros daquele grupo’”. A relação das identidades com a violência é evidente, pois as prostitutas se tornam alvos por pertencerem a essa classe, socialmente marginalizada. E essa violência é proveniente precisamente daqueles que movimentam o mercado do sexo, ou seja, os clientes, que constituem a procura e sustentam esse ciclo de exploração.

O romance evidencia, entretanto, que existe a possibilidade de um relacionamento entre um homem e uma prostituta, sem o estabelecimento das redes de dominação, como é o caso de Rosálio e Irene, pois o primeiro em nada se assemelha à representação do cafetão, isto é, não tenciona controlar e/ou explorar a prostituta. Esse tipo de relacionamento é bastante singular, pois além de ser o único do romance, não há na memória das personagens outro semelhante: “ela agora quer espaço para a roupa do seu homem, seu homem! nunca pensou chegar um dia

a dizer assim com orgulho e alegria, que ele vem viver com ela mas não pensa em ser seu dono, é seu carinho, seu berço, seu amigo, seu irmão, é seu verdadeiro amor” (REZENDE, 2014, p. 125). A relação entre ambos é totalmente pautada no companheirismo, talvez devido ao fato de os dois serem figuras marginalizadas perante a sociedade. Rosálio dispõe de uma postura diferente de Porfírio, pois o primeiro não tenciona ser dono de Irene, como ela mesma coloca com entusiasmo. Além disso, Rosálio compreende que ela encara a prostituição apenas como uma profissão, assim como qualquer outro trabalho, e que as relações estabelecidas com os clientes são mantidas no âmbito de seu ofício. Essa postura do pedreiro ajuda Irene compreender e alimentar as identidades que melhor a representam.

A alegria marcada na voz do narrador reflete o estado de ânimo da prostituta, sobretudo pelo uso do pronome possessivo “seu”, que marca a posse de um companheiro. O sentimento de posse de Irene é diferente, não significando poder sobre o outro. Para ela, a posse está relacionada à questão de ter alguém que a ampare e a defenda, com quem possa dividir sentimentos e as poucas coisas que a miséria lhe permite ter. Assim, o “seu homem” representa o companheirismo que, por ser prostituta, lhe foi negado ao longo de sua trajetória. As qualidades elencadas são justamente aquelas negligenciadas a ela, como o carinho diretamente ligado ao afeto, o berço aludindo ao lar e à segurança, à amizade, à parceria e principalmente ao amor. Até o início desse relacionamento, os conflitos das identidades da protagonista tinham pouca pulsão, sempre sendo sufocados pela representação social.

Com efeito, Irene, mesmo ainda estando com a visão distorcida pelo preconceito que dispõe de sua profissão, começa a perceber a situação abusiva na qual sua amiga se encontra aprisionada: “o caso da própria Anginha que o safado do Porfírio prende em coleira invisível, usando quando bem quer, desprezando, maltratando, tomando-lhe tudo que ganha sem devolver nem um beijo, caminho de sofrimento, caminho de escravidão” (REZENDE, 2014, p. 39). O fato de a protagonista perceber a insídia que prende sua amiga é indicativo, pois sugere a possibilidade de uma transformação, demonstrando que a(s) identidade(s) que melhor a representam começam a superar a representação negativa do estigma de prostituição. A referência à “coleira invisível” abarca a invisibilidade que as malhas de poder tem, não por serem de fato invisíveis, mas por serem apresentadas na maioria das vezes de forma velada e quando acontecem de modo explícito são desconsideradas por aqueles que poderiam modificar a situação, principalmente o Estado, por se tratar de mulheres marginalizadas que sofrem com o preconceito institucional. Do mesmo modo que as mulheres acabam por permanecer em

relacionamentos abusivos, as prostitutas também são vítimas desse tipo de violência, com alguns fatores agravantes que corroboram a permanência do vínculo de dominação, como a marginalização e a carência de sentimentos como amor, compreensão e altruísmo.

Considerações possíveis

A narrativa ratifica o fato de a representação social influenciar na construção da identidade, principalmente no caso da personagem Irene, uma prostituta soropositiva. A incapacidade de desprender da figura da prostituta de sua representação reflete como a sociedade e as malhas de poder conseguem realizar a manutenção dessas influências, impedindo o florescimento de identidades, nesses grupos marginalizados, que legitimem o sujeito que existe embaixo de todas as camadas de preconceito social.

Assim, percebemos que a marginalização social imputada à protagonista devido à sua condição de prostituta somado ao estigma de sua profissão e ao julgamento social acaba por restringir as suas identidades e isso afeta a representação que a personagem dispõe de si mesma, não se enxergando enquanto mulher e sujeito, contrariamente, acreditando ser meramente um objeto. Desse modo, a influência social é exercida de forma negativa, a fim de sucumbir às identidades que melhor representam a protagonista.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005a. 110 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005b. 171 p.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. 227 p.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007. 297 p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 58 p.
- LEGARDINIER, Claudine. Prostituição I. In: HIRATA, Helena (orgs.) et al. *Dicionário crítico do feminismo*. Tradução de Míriam Nobre. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 198-203.
- LINHART, Danièle. *Travail émiété, citoyens déboussolés*. Manière de Voir 66, nov-dez 2002, p. 10-13.
- MACKINNON, Catherine A. Trafficking, prostitution, and inequality. *Havard Civil Rights-Civil Liberties Law Review*, v. 46, n. 2, 2011, p. 274.

- MIGUEL, Luis Felipe. O debate sobre prostituição. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 139-145.
- PHETERSON, Gail. Prostituição II. In: HIRATA, Helena (orgs.) et al. *Dicionário crítico do feminismo*. Tradução de Naira Pinheiro. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 203-208.
- REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 158 p.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. 1998.

Artigo recebido em março de 2020.
Artigo aceito em abril de 2020.